

O BARBEIRO PORTUGUÊS

O “seu” António foi internado na 2ª Enfermaria da clínica médica no 3º andar do HUPE. Era um idoso diabético “descompensado” como se dizia.

Tipo muito falante e comunicativo. Uma pessoa simpática. Logo circulava pelos corredores entabulando conversas com outros internados, médicos, enfermeiros, auxiliares. Depois de andar por toda parte, o que logo nos primeiros dias de internação virou sua rotina, aboletava-se à porta da enfermaria numa poltrona grande, verde e confortável que desencavara não se sabe de onde. Ninguém ousou impedi-lo mesmo porque ele não reivindicava exclusividade.

O tempo passava entre tratamentos prescritos, exames médicos e laboratoriais para esclarecer seu estado de saúde. Nesse período ele ampliou consideravelmente seus contatos, inclusive em outras enfermarias e em outros andares. “Seu” António estava cada vez mais popular. Recebia suas muitas visitas, além da família, sentado em sua poltrona. E contava um sem número de histórias.

António fora barbeiro toda vida. Dono de uma barbearia no subúrbio, tinha muitos fregueses que o visitavam e lhe demonstravam muito respeito. Percebia-se que gostavam de ouvir suas histórias e anedotas. O barbeiro não se fazia rogar, passava horas falando aos seus ex-clientes, divertindo-os com seus casos. Mesmo o pessoal do hospital vez por outra punha-se a ouvi-lo. Era uma pessoa muito sociável e logo virou o “queridinho” do andar.

Havia no quadro de funcionários da enfermaria a certeza que tão logo seus exames dessem resultados satisfatórios ele teria alta. Todos estavam otimistas.

Por conta da lentidão dos serviços laboratoriais a permanência do “Seu” António se estendeu mais do que o esperado e ele já estava na 3ª semana de internação. Virara uma celebridade no hospital. Percebia-se que ele gostava desta popularidade. Seus pijamas cuidados por sua mulher, pareciam cada vez mais caprichados na elegância. Ele começara a cortar o cabelo de outros internos, usando sua poltrona como cadeira profissional. E não cobrava pelos serviços.

Então, “seu” António ficou aparentemente gripado. Sem febre nem mal estar estava rouco. Outra semana se passou perfazendo um mês de internação. A sua rouquidão aumentou. Um dos médicos titulares da 2ª Clínica examinou-o. Logo em seguida numa sessão clínica apresentou, na presença dos médicos e dos residentes da 2ª enfermaria, o caso do “seu” António. Ele tinha uma forte suspeita de câncer na laringe. A preocupação era geral e logo foram feitos mais exames e biópsias que confirmaram o diagnóstico. Os médicos titulares concordaram que ele deveria ser submetido imediatamente a uma cirurgia para extração do tumor além, é claro, da necessária radioterapia. O prognóstico não era ruim pois tratava-se de um tumor detectado precocemente, mas ele perderia as cordas vocais e logicamente a capacidade de falar. Mas, quem daria a ele esta notícia?

Não deu outra. O médico residente, no caso, eu. E não tinha como reclamar, pois isto era uma deferência especial dos titulares ao médico residente.

“Claro que estarei sempre disponível se você precisar” afirmou o chefe da enfermaria.

Chamei o “seu” António para uma conversa. Ele na sua poltrona e eu numa cadeira defronte. Era uma hora de pouco movimento.

Contei-lhe o que ocorria com todos os detalhes, a cirurgia necessária e as consequências. O “seu” António ficou cabisbaixo, visivelmente contrariado e emocionado. Não disse uma palavra e daria uma resposta mais tarde. Não insisti na conversa pois percebi que fora um baque emocional muito sério para o barbeiro, apenas confirmei que esperaria a resposta. Comuniquei ao corpo clínico a situação e obtive a resposta que esperava:

“Continue com ele e avise o resultado”.

Fazer o que nestes casos?

Fiquei sem orientação alguma por parte do “staff” de como me comportar e com um paciente profundamente deprimido, além do que a notícia se espalhou para a consternação de todos.

O “seu” António não sentou mais na poltrona nos dias que se seguiram, não perambulava mais pelos corredores, pouco falava ou contava histórias e muito menos cortava os cabelos dos internos.

Por fim, sentou-se na poltrona e conversou comigo: “Não vou fazer nem a cirurgia nem o tratamento atômico”. Tentei de todo jeito demovê-lo dessa decisão apelando para os amigos e a família e perguntei-lhe o porque daquela decisão que poderia levá-lo à morte em breve quando havia boa possibilidade que superasse o câncer.

“O que eu ganho? Um pouco mais de vida, incapaz de conversar, de contar casos, de fazer amigos? Não quero. Vou do jeito que sou até o fim e que Deus me ajude.”

O “seu” António teve alta a pedido. A poltrona sumiu. Ele sumiu.